

Janaina Namba

Expressão e linguagem

Aspectos da teoria freudiana



Blucher

EXPRESSÃO E LINGUAGEM

Aspectos da teoria freudiana

Janaina Namba

Expressão e linguagem: aspectos da teoria freudiana

© 2020 Janaina Namba

Editora Edgard Blücher Ltda.

Imagem da capa: iStockphoto

SÉRIE PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coordenador da série Flávio Ferraz

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Bonie Santos

Produção editorial Isabel Silva e Luana Negraes

Preparação de texto Cristine Akemi

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Beatriz Carneiro

Capa Leandro Cunha

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação

na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Namba, Janaina

Expressão e linguagem : aspectos da teoria freudiana / Janaina Namba. – (Série Psicanálise Contemporânea /coordenada por Flávio Ferraz) – São Paulo : Blucher, 2020.

260 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-1913-2 (impresso)

ISBN 978-85-212-1914-9 (eletrônico)

I. Psicanálise. I. Título. II. Ferraz, Flávio. III. Série.

20-0262

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

I. Psicanálise

Conteúdo

Apresentação	11
1. De concepções sobre as afasias a uma linguagem simbólica	17
2. Intensidade e formas no aparelho psíquico	63
3. Instâncias e linguagens	107
4. As culturas e o simbólico	141
5. O chiste e a obra de arte em Freud: formas de linguagem simbólica	179
6. A clínica, do simbólico ao alegórico	213
Conclusão	239
Referências	243

1. De concepções sobre as afasias a uma linguagem simbólica

O cheiro de madeira, palha e serragem da casa de comércio, as ruas brancamente poeirentas, iluminadas por um sol vertical, . . . a partir da janela, tudo ficou contaminado por um sinistro e mais ou menos preciso valor simbólico.

Casares (2006), *Histórias fantásticas*

Concepções das afasias na neurologia contemporânea

O estudo das desordens da linguagem serve para iluminar a relação abstrusa existente entre as funções psicológicas e a anatomia e a fisiologia do cérebro. Os mecanismos da linguagem recaem tanto sobre as bem-localizadas funções sensoriomotoras quanto sobre as mais amplamente distribuídas e complexas operações mentais como imaginação e pensamento, os quais não podem ser localizados. (Victor & Ropper, 2001, p. 499, tradução nossa)

A citação anterior, proveniente de dois conceituados autores da neurologia contemporânea, indica de certa maneira como foi delineado o estudo dos distúrbios da linguagem por parte da medicina desde o século XIX. Ainda que de uma maneira sutil, a indicação se encontra na própria linguagem utilizada, ou seja, na afirmação de que existem certas operações mentais que não são localizáveis a par de outras que podem sê-lo (por exemplo, as funções sensoriomotoras).

A partir do estudo dos distúrbios de linguagem classificados por afasias, veremos como Freud se contrapõe à orientação localizacionista da neurologia do final do século XIX e propõe uma reorientação desse estudo das afasias, abandonando, portanto, o enfoque anatomopatológico, ou seja, reorienta um estudo antes calcado na anatomia para o do funcionamento da linguagem, conseguindo extrair algumas implicações do próprio funcionamento psíquico.

Na neurologia contemporânea é considerada a existência de uma dominância hemisférica (predomínio de um hemisfério em relação ao outro), pois há diferenças hemisféricas, sejam relativas à fala, sejam relativas à motricidade de um lado do corpo sobre o outro. Há suposições quanto à dominância hemisférica, de que ela seja concomitante ao desenvolvimento da fala e ao desenvolvimento motor: “uma ausência do desenvolvimento ou perda da dominância cerebral resultante de determinadas doenças causa uma perturbação de ambas as características, e, portanto, o aparecimento de afasias e apraxias” (Victor & Ropper, 2001, p. 499, tradução nossa). Desde o século XIX foram determinadas algumas áreas corticais e subcorticais relativas à linguagem e à fala, no que diz respeito tanto aos aspectos motores como aos sensoriais. No entanto, tais áreas não são microscopicamente delimitadas nem representam “estruturas histológicas circunscritas de função constante” (Victor & Ropper, 2001, p. 501, tradução nossa) – ou seja,

não há como dizer que a tais áreas cabe de fato a responsabilidade pela articulação da linguagem, o que explica a grande diversidade de opiniões a respeito desse assunto ainda nos dias de hoje.

Apesar da controvérsia quanto à exata delimitação dessas áreas, o estudo neurológico contemporâneo dos distúrbios da linguagem é baseado no que delas se pode inferir, seja negativamente, pela presença de lesões; seja positivamente, pela estimulação elétrica direta dessas regiões e a posterior observação de suas funções; ou mesmo indiretamente, por meio de experimentos nos quais, mediante tarefas específicas, observa-se a atividade sanguínea cerebral da área investigada. De acordo com Victor e Ropper (2001, p. 501), os estudos neurológicos relativos aos distúrbios da linguagem dividem-se atualmente em quatro principais categorias:

- 1) Perda ou prejuízo da produção e/ou compreensão da fala ou da linguagem escrita, devido a uma lesão cerebral adquirida. Essa condição se chama afasia ou disfasia.
- 2) Distúrbios de linguagem e da fala por doenças que afetam globalmente as funções mentais superiores, como confusão, delírio, retardo mental e demência. Nessas patologias, o que normalmente ocorre é a perda gradual dos elementos da linguagem sem a emergência dos sintomas clássicos das síndromes afásicas. É muito comum nessa categoria a presença de algumas desordens, como as ecolalias, isto é, a repetição de palavras numa mesma frase ou a repetição de frases inteiras.
- 3) Deficiência na articulação da linguagem falada sem implicação de operações como compreensão da linguagem verbal, da linguagem escrita e da construção sintática do discurso. Esta é uma desordem puramente motora que atinge a musculatura da articulação verbal, seja por flacidez,

espasticidade, rigidez etc., normalmente chamada de disartria, ou anartria. Essa categoria envolve distúrbios da fala, não da linguagem.

- 4) Alteração ou perda da voz por alguma desordem laríngea, seja na estrutura, seja na inervação. Nesta categoria, encontram-se em geral afonias ou disfonias sem prejuízo da linguagem.

Apresentaremos agora, de uma maneira mais detalhada, a clínica das afasias do ponto de vista neurológico contemporâneo. As afasias se dividem em quatro tipos: afasias motoras, também chamadas *afasias de Broca*, que são afasias de expressão; afasias sensoriais, também chamadas *afasias de Wernicke*, que são afasias receptivas; afasias globais ou totais, com perda completa ou incompleta tanto da fala como da linguagem; e afasias de condução, que são uma das síndromes de dissociação da linguagem caracterizadas por agnosias (incapacidade de reconhecer objetos ou símbolos sem perturbações sensoriais), sejam elas auditiva-verbal e visual-verbal, ou, ainda, alguns tipos de mutismo. É importante assinalar que o termo “agnosia”, que faz parte do vocabulário utilizado atualmente nos estudos neurológicos, foi cunhado pelo próprio Freud em 1891, em *Contribuição à concepção das afasias*. O que não deixa de ser curioso, pois é a partir dessa obra que ele irá contestar a legitimidade da linguagem e dos conceitos da medicina, propondo deslocamentos semânticos que dão um outro sentido ao estudo das afasias.

Ao comentar um achado mais recente da medicina de sua época no estudo das afasias, Freud diz o seguinte:

Em 1861, Paul Broca apresentou à Sociedade anatômica de Paris os dois resultados de disseções que lhe permitiram concluir que uma lesão da 3ª circunvolu-

ção frontal esquerda leva a uma perda total ou uma redução importante da linguagem articulada, sendo que a inteligência e as outras funções da linguagem remanescente se encontram intactas. (Freud, 1891/2002, p. 52, tradução nossa)

Este trecho de *Contribuição à concepção das afasias* remete à descoberta de Broca como um glorioso capítulo da história do conhecimento do cérebro. O tom adotado é quase irônico, pois uma passagem imediatamente anterior se opõe de maneira crítica às teorias correntes das afasias (de Wernicke e de outros autores) às quais Broca está associado. Essas teorias se contentam em descrever as funções mentais conforme sua localização no cérebro. Para tanto, não dispunham de outros recursos além da anatomia patológica. Mas uma função não se explica por sua localização.

Apesar da crítica de Freud, as afasias não só carregam os epônimos de seus descobridores como mantêm a ideia de lugares anatômicos responsáveis por funções. Para termos uma noção da força e persistência dessa teoria, até hoje as síndromes afásicas são classificadas de acordo com as áreas lesadas e com os sintomas decorrentes da lesão.

As afasias motoras, ou afasias de Broca, envolvem uma deficiência na produção da linguagem em sua expressão, sem que existam distúrbios no aparelho muscular da fala. As áreas corticais que dizem respeito à produção da linguagem equivalem às áreas 44 e 45 de Brodmann,¹ correspondentes, no hemisfério esquerdo do cé-

1 Em 1909, Korbinian Brodmann propôs uma divisão cortical em 52 áreas, com base tanto nas estruturas distintas das células nervosas quanto nos arranjos característicos que formam as camadas celulares. Desse modo, vê-se que o córtex cerebral humano não é uma estrutura uniforme, e apresenta diferenças quanto à espessura e à densidade. Ao microscópio, podem ser observadas

rebro, ao giro frontal inferior (parte triangular, opercular e o ramo ascendente), e à área 43, correspondente à região do giro pós-central. Outra estrutura envolvida na produção da linguagem falada é o corpo estriado subcortical que se encontra no centro branco medular na base do cérebro (Figura 1.1).

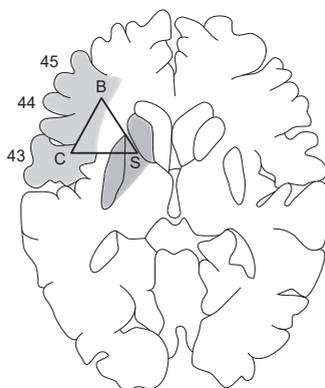


Figura 1.1 Corte transversal do cérebro. Áreas cinzas: 43, 44 e 45 de Brodmann. B: área de Broca; C: giros pré e pós-centrais; S: striatum ou corpo estriado subcortical (centro branco medular, constituído por fibras de projeção ou por fibras de associação). Lesão em quaisquer dos componentes B, C, ou S pode produzir uma afasia transitória de Broca. Já uma lesão mais ampla que envolva todos os componentes produz uma afasia de Broca severa e persistente com uma fala agramatical e esparsa, mas com a compreensão preservada. Fonte: adaptada de Victor e Ropper (2001, p. 507).

até seis camadas no isocórtex ou neocórtex. O arquicórtex e o paleocórtex, que constituem, respectivamente, a formação hipocampal e o córtex olfatório, apresentam apenas três camadas básicas. A diferença na organização, no tipo de célula, assim como nos padrões das fibras dessas células que compõem as vias, servem como referência na elaboração de mapas citológicos do próprio córtex, isto é, na determinação de áreas corticais (Kandel, E. R.; Schwartz, J. H.; Jessell, T. M. [1995]. *Essentials of neural science and behavior*. New York: McGraw-Hill Education).

Lesão em um dos componentes ou em uma das vias que ligam esses componentes um ao outro pode levar à afasia de Broca transitória; mas, no caso de lesões mais extensas, que abrangem todos os componentes, pode ocorrer uma afasia de Broca severa e persistente, que apresenta como sintomas uma fala esparsa e agramatical, apesar de a compreensão se manter inalterada.

A Carl Wernicke, de Breslau, são creditadas muitas das ideias do estudo contemporâneo das afasias. Wernicke, além de ter apresentado uma descrição detalhada da afasia sensorial que leva seu nome, propôs o mapeamento de duas áreas anatômicas principais concernentes à linguagem, a saber, a área de Broca (região anterior do lobo frontal inferior – áreas 44 e 45 de Brodmann do lado esquerdo), onde estariam situadas imagens de movimento da fala, bem como a região insular e porções adjacentes do córtex posterior perissilviano (atualmente área 22 de Brodmann, junção dos lobos parietal e temporal à esquerda, onde estariam situadas as imagens de sons, como pode ser visto na Figura 1.2).

Propôs ainda, com base em pesquisas anatômicas e observações clínicas, que haveria vias de associação responsáveis pela ligação entre estas duas principais áreas da linguagem que mediarium o que poderíamos supor como um “arco reflexo psíquico” entre a palavra ouvida e a falada. Uma interrupção destas vias, que pertencem ao fascículo arqueado (ou fascículo longitudinal superior), provocaria o que Wernicke denominou *afasia de condução*, posteriormente chamada de afasia central, responsável por uma inadequação na escolha de palavras durante a fala (parafasia). Embora a compreensão permaneça intacta, seria rompida a ligação conveniente entre imagens sonoras verbais e imagens motoras verbais. E, ainda segundo Wernicke, as afasias sensoriais seriam provocadas pela destruição da área sensorial e apresentariam características como distúrbios de compreensão da linguagem falada, distúrbios

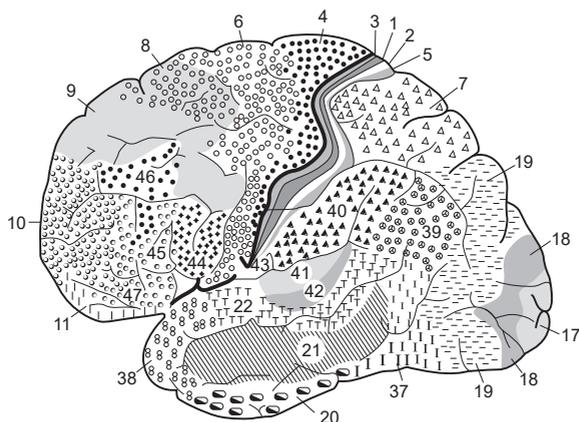


Figura 1.2 Face superior lateral do hemisfério esquerdo. Mapa citoarquitônico do córtex cerebral humano. As áreas 22, 41, 42, 39 e 40 são as regiões descritas por Wernicke como áreas sensoriais da fala. Lesões nas áreas 22 e 39 provocam a perda da compreensão da linguagem falada e escrita e da capacidade de escrever. Lesões que provocam as afasias de condução são correspondentes internos, não corticais, das áreas 41 e 42.

Fonte: adaptada de Carpenter (1995, p. 379).

de compreensão de sinais escritos (alexia), incapacidade de escrever (agrafia) e fala parafásica fluente. Atribuem-se hoje à afasia de Wernicke duas características principais:

O prejuízo na compreensão da linguagem falada, que tem por características: uma inabilidade para diferenciar elementos de palavras, ou fonemas tanto falados quanto escritos, reflete um envolvimento das áreas auditivas de associação e acarreta uma fala parafásica relativamente fluente que revela o principal papel da região auditiva na regulação da linguagem; e de uma

maneira secundária tem-se uma inabilidade de repetir tanto palavras escritas quanto faladas. (Victor & Ropper, 2001, p. 508, tradução nossa)

A crítica freudiana à neurologia do século XIX

Em tom jocoso, Freud diz que “graças a essa pequena descrição, à qual teve seu nome ligado, pode-se dizer que [Wernicke] possui um mérito eterno” (Freud, 1891/2002, p. 52, tradução nossa) pela descoberta da afasia sensorial. Como dissemos, a crítica realizada por Freud dirige-se à teoria localizacionista, na qual funções são determinadas por regiões corticais específicas. Pode-se acrescentar que a crítica se estende também ao fato de que apenas algumas funções seriam localizáveis, isto é, de que a localização se restringe às funções mais simples como percepções simples, ou ações simples que supostamente envolveriam apenas uma área do cérebro, enquanto outras funções mais complexas, como as cognitivas, que envolvem diversas regiões, não seriam, por assim dizer, localizáveis.

De acordo com Wernicke e outros localizacionistas, as funções mais elementares localizáveis são as mais diretas, ou seja, as percepções visual, auditiva, tátil, gustativa e olfativa. Assim, uma percepção visual poderia ser encontrada na terminação central do nervo óptico, uma percepção auditiva se encontraria na região de extensão do nervo acústico etc. Já funções mais complexas, que envolvem a combinação de várias representações, como uma ligação de representações a um conceito, dependem de operações de sistemas de associação de diferentes áreas corticais e não são localizáveis (Freud, 1891/2002, p. 53).

De acordo com os localizacionistas, uma função deve ser determinada por um lugar específico do cérebro e tem como unidade elementar uma representação de memória contida numa célula:

A superfície cerebral, com 600 milhões de corpos celulares segundo a estimativa de Meynert, oferece um número suficiente de lugares de reserva, onde podem ser acumuladas sem dificuldade, umas após outras, as impressões sensoriais do mundo exterior. Essas são resíduos de excitações passadas que povoaram o cérebro e que propomos chamar de imagens mnêmicas. (Freud, 1891/2002, p. 53, tradução nossa)

Detenhamo-nos neste verdadeiro absurdo. Estas células, que são imagens mnêmicas do movimento da fala ou imagens sonoras, se encontram restritas a centros sensoriais ou motores e estes, por sua vez, se encontram ligados por um feixe de fibras nervosas. Freud atenta para o fato de que Wernicke não especifica se a ligação feita entre esses centros se daria por um feixe de fibras brancas² ou se ocorre por meio da substância cinzenta da ínsula,³ pois cabe somente às fibras brancas realizar uma ligação entre verdadeiros centros de neurônios, sugerindo que essa região não se comporta de fato como um verdadeiro centro, mas, ao contrário, abriga células que se encontram associadas entre si. O distúrbio de linguagem decorrente de uma lesão dessa via tem o nome de afasia de condução ou parafasia, em que tanto a compreensão como a articulação das palavras se encontram intactas,

2 Fibra branca: prolongamento da célula nervosa que é envolvido pela bainha de mielina (camada gordurosa) que aumenta a velocidade de transmissão neural.

3 Lobo da ínsula: é uma área cortical invaginada e incrustada na região do sulco lateral (que divide o lobo temporal dos lobos parietal e frontal).

mas ocorre uma confusão no emprego das palavras articuladas (Freud, 1891/2002).

Se por um lado a crítica de Freud se destina à explicação das afasias em termos de localização, podemos também apontar para algumas críticas implícitas com relação às imprecisões na delimitação dos centros da linguagem na região cerebral da ínsula, pois apesar de Wernicke atribuir a ela o nome de centro, acaba por tratá-la como uma via associativa. Mas uma via é um feixe nervoso, e um centro é um aglomerado de células nervosas. Wernicke comete outras imprecisões relativas às causas das parafasias. Observam-se parafasias em estados de “fadiga, atenção dividida ou outros efeitos perturbadores” (Freud, 1891/2002, p. 63, tradução nossa), e não apenas em casos de lesões que interrompam o trajeto entre os centros da fala e da linguagem.

Vemos assim que as parafasias não podem, estritamente falando, ser consideradas como um fenômeno isolado da linguagem, mas devem ser inseridas numa “dimensão mais ampla, como um sintoma puramente funcional, como um signo de menor eficiência do aparelho de associações da linguagem” (Freud, 1891/2002, p. 63, tradução nossa). Mesmo que sejam observadas como sintoma orgânico e particular, não é possível inferir disso que as parafasias sejam provenientes de uma lesão que interrompa a ligação entre os centros sensorial e motor. Freud nos instiga perguntando-nos quais seriam as consequências de uma interrupção como essa, ao que ele mesmo responde: “a função da via é de uma linguagem imitativa” (Freud, 1891/2002, p. 61, tradução nossa), e o aprendizado da linguagem consiste na reprodução de um som verbal registrado. A lesão impossibilitaria a linguagem imitativa ou mimética, mas não prejudicaria a linguagem espontânea ou a capacidade de falar em geral, sendo que na clínica nunca houve notícias de uma dissociação como esta. A conclusão é que a

capacidade de repetição se mantém preservada enquanto houver palavra e compreensão, o que requer a preservação dos centros da linguagem. A existência de afásicos motores representa uma exceção à crítica de Freud, pois estes são incapazes de realizar uma repetição quando convidados a repetir o que lhes é dito, embora pudessem dizê-lo de maneira espontânea. Mas trata-se de um caso específico, uma vez que a repetição forçada é que se encontra prejudicada. Este exemplo foi descrito em 1878 por Hughlings Jackson, que observou que pacientes incapazes de falar e repetir (com afasia motora) ocasionalmente reproduziam um xingamento, ou uma “palavra complicada” na “fala remanescente” da qual se valiam (Greenberg, 1997, p. 33).

Ao dizer que as parafasias devem ser inseridas num contexto mais amplo, Freud explicita ainda mais a sua rejeição à determinação das funções por uma anatomia topográfica e estática. Do mesmo modo, ao referir-se aos esquemas de Lichtheim, ele ressalta que o modo como são tomados os centros e as ligações estabelecidas entre eles poderiam bem servir a um estudo patológico de áreas corticais da linguagem, mas não para a fisiologia da linguagem (Figura 1.3).

Ou, como explica Spehlmann,

As afasias são concebidas e expressadas como dificuldades de estabelecer associações, como desdobramentos energéticos no centro expandido da linguagem, como modificações funcionais. . . . Se, por um lado, a modificação funcional não é anatomicamente visível e pode ser percebida somente em ações, por outro ela repousa sobre as propriedades objetivas do sistema nervoso. (Spehlmann, citado por Freud, 1891/2002, p. 22, tradução nossa)

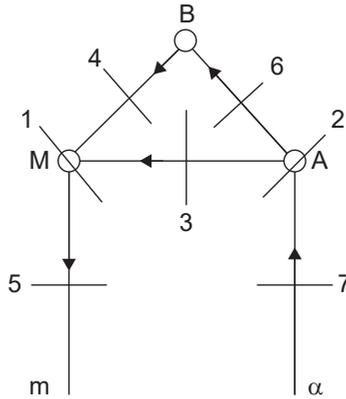


Figura 1.3 Esquema de Lichtheim: M: centro motor (área de Broca); A: centro acústico ou sensorial da linguagem (área de Wernicke); B: inúmeras regiões do córtex cerebral, a partir das quais a linguagem pode ser acionada; α é a via sensorial de entrada e m , a via motora de saída. 1 e 2 designam lesões nos centros responsáveis pelas afasias motora e sensorial, respectivamente. A numeração que vai de 3 a 7 corresponde a lesões nas vias que ligam os diversos centros. 3: afasia de condução, 4: afasia motora transcortical, 5: afasia motora subcortical, 6: afasia sensorial transcortical e 7: afasia sensorial subcortical. Fonte: adaptada de Freud (1891, p. 56).

Podemos dizer que, em vez de pensar a função como decorrência de uma porção anatômica, Freud propõe que ela seja tomada por si mesma, isto é, como se fosse determinada por processos de associação, ou como alterações energéticas que em si mesmas caracterizam uma função e provocam modificações que podem ser observadas apenas indiretamente, seja pela regressão da função, seja pela redução de sua eficiência. Ou, como ele diz na seção V de *Contribuição à concepção das afasias*, muito provavelmente o arranjo das fibras de projeção, que são associações entre “centros”, “repousa sobre um princípio puramente funcional” (Freud, 1891/2002, p. 103, tradução nossa).

Nesta seção, Freud se desloca do campo exclusivo dos distúrbios da linguagem para uma apreciação mais geral de uma significação cerebral, justificando assim uma relação entre os distúrbios da linguagem e a atividade cerebral global, para depois, paralelamente à teoria das afasias e sob a influência das teorias jacksonianas de 1878, abordar os conceitos de evolução e involução. A partir das críticas destinadas à teoria de projeção de Meynert (por volta de 1867-1869), segundo a qual há, em toda a extensão do córtex cerebral, uma correspondência para todos os pontos da periferia do corpo invadidos pelo sistema nervoso, Freud anuncia que há uma *representação*, não uma projeção, como modo de reprodução da periferia corpórea no córtex cerebral. De acordo com Meynert, as fibras nervosas que ascendem da periferia do corpo (a partir dos órgãos sensoriais) até o sistema nervoso central, mais precisamente na região cortical, percorrem caminhos que são interrompidos por núcleos subcorticais localizados na medula espinal, no tronco cerebral e no diencéfalo. Esses núcleos não teriam outra função se não a de interromper as fibras que por eles passam, o que resultaria numa fiel projeção topográfica das impressões periféricas no córtex cerebral.⁴

Freud propõe, já em 1891, que haja uma representação cortical da periferia do corpo e não uma projeção, por duas razões. Em primeiro lugar, porque a quantidade de fibras que sai da periferia até a medula espinal é muito maior que a quantidade de fibras que parte da medula espinal para o córtex, o que impediria uma reprodução ponto a ponto. Em segundo lugar, e mais importante, Freud sugere uma mudança do conceito de núcleo de substância cinzenta,

4 No entanto, sabemos pela neurologia contemporânea que não há uma reprodução topográfica exata da periferia corpórea no córtex cerebral, mas uma reprodução deformada (homúnculo sensorial e motor) que obedece a uma proporção de fibras que entram e saem dos diferentes núcleos subcorticais (núcleos ou estações cinzentas) até chegar ao córtex.

que não seria mais um local de interrupção das fibras brancas, mas sim um local onde as fibras direcionadas para os núcleos seriam rearranjadas na medida em que convergem ou divergem para um determinado feixe, ou, ainda, que esse seria o local em que essas fibras seriam passíveis de outras associação com fibras provenientes de outras regiões. Estamos aqui diante de uma importante mudança no conceito de núcleo de substância cinzenta. De fato, trata-se de uma mudança funcional. A fibra, após emergir de cada estação cinzenta, onde estabelece conexões, segue para a camada cortical. Em todo ponto de conexão, há, portanto, uma mudança na “significação [*Bedeutung*] funcional” da fibra. Temos assim que os elementos tópicos, ao serem associados, ganham novo significado e forma, e são determinados por um princípio exclusivamente funcional, isto é, que “os fatores tópicos são conservados apenas por concordarem com as exigências da função” (Freud, 1891/2002, p. 102, tradução nossa).

De acordo com Freud, não é possível encerrar uma representação numa única célula, assim como não é possível atribuir uma localização às faculdades mentais como delimitadas pela psicologia, contrariamente do que pretendia a neurologia da época. Ainda assim, ele reconhece o grande mérito de Wernicke quando este diz que apenas os elementos psíquicos mais simples seriam localizáveis; mas se pergunta se Wernicke “não estaria cometendo o mesmo erro de princípio ao tentar localizar no cérebro um conceito complexo, uma atividade mental completa ou apenas um único elemento psíquico” (Freud, 1891/2002, p. 104, tradução nossa). Isso porque o correlato psíquico de um processo fisiológico, ainda que seja simples, também não é localizável: “os processos fisiológicos não são interrompidos onde começam os processos psíquicos” (Freud, 1891/2002, p. 105, tradução nossa), ao contrário, encontram-se encadeados numa relação de paralelismo, dependência e concomitância, o que indica que o correlato fisiológico da

representação talvez esteja no âmbito de um processo, ainda que este não seja propriamente incompatível com a localização:

Os processos fisiológicos partem de uma região particular do córtex e se estendem para todo o restante deste, ou mesmo ao longo de vias particulares. Assim que entram em curso, eles deixam atrás de si, na camada cortical percorrida, uma modificação – a possibilidade de lembrança. (Freud, 1891/2002, p. 105, tradução nossa)

Freud pressupõe que a associação entre as regiões corticais não se dê exclusivamente graças às fibras brancas, ou seja, que a excitação cortical possa se estender por diversas regiões em virtude da própria substância cinzenta (projeções de associação cortico-corticais) e pelos feixes de fibras brancas (projeções aferentes ou eferentes específicas). A passagem dessa excitação provoca uma modificação cortical, isto é, deixa como rastro uma alteração do tecido cortical como se houvesse um traço ou impressão, que é a matéria da lembrança.

Se os processos psíquicos estão encadeados aos fisiológicos, o correlato fisiológico de um processo psíquico é também um *processo* fisiológico, ou seja, a partir de alterações da camada cortical determinadas pelo rastro de excitação é que conexões se tornam possíveis, e a partir destas é que imagens mnêmicas se formam. Segundo Freud, uma “ativação frequente do mesmo estado cortical conduz a uma restituição do psíquico sob a forma de uma imagem mnêmica, ainda que na consciência não haja nada semelhante, da parte psíquica, que justifique o nome de imagem mnêmica latente” (Freud, 1891/2002, p. 106, tradução nossa).⁵

5 Cabe aqui uma observação de que Freud já destitui a memória da consciência, e que resgata o psíquico a partir de imagens mnêmicas não latentes, ou seja,

Da pressuposição anterior de que as associações ocorrem mesmo sem uma intermediação de fibras brancas e de que “a localização do correlato fisiológico é então a mesma para a representação e para a associação” (Freud, 1891/2002, p. 107, tradução nossa), conclui-se que não é possível distinguir as localizações de associações e de representações, nem diferenciar vias de centros de linguagem, o que leva Freud a determinar, no final da seção V, que a “região cortical da linguagem é uma área contínua do córtex, no interior da qual se efetuam as associações e transmissões sobre as quais repousam as funções da linguagem” (Freud, 1891/2002, p. 107, tradução nossa).

Na seção VI do mesmo livro, Freud ressalta que verificará quais hipóteses podem ser levantadas quanto aos distúrbios da fala a partir de uma nova concepção do aparelho de linguagem baseada na representação e no funcionamento dos próprios processos de linguagem. Afirma ainda que utilizará uma metodologia inteiramente psicológica, ou seja, alheia aos termos que são caros à neurologia. Podemos observar, então, uma verdadeira desmontagem da teoria localizacionista partindo da própria definição de *palavra* – “palavra é a unidade básica da função da linguagem que mostra ser uma representação complexa, composta de elementos acústicos visuais e cinestésicos” (Freud, 1891/2002, p. 123, tradução nossa) – assim como a construção de uma teoria psíquica do aparelho de linguagem. A palavra, como unidade básica de linguagem, é composta de elementos que, interligados entre si, formam uma representação. Por ser uma composição, a unidade da palavra pode ser desmembrada nos seus diversos elementos, ou seja, em representações de impressões sensoriais que foram posteriormente associadas. Isso quer dizer que a palavra é estruturada como uma associação de representações, a exemplo das representações

que foram efetivadas pela persistência de uma mesma ativação cortical.

corticais complexas, que foram formadas de impressões sensoriais individuais que partiram da periferia do corpo.

Representações: a tradução de uma estratificação

Como afirma Valerie Greenberg (1997), “ao negar a teoria da projeção nervosa, Freud oferece um termo próprio, representação. E são as próprias evidências anatômicas que mostram que a imagem da periferia deve ser reconstituída” (Greenberg, 1997, p. 119, tradução nossa). Pode-se dizer, então, que a representação é ela própria uma *interpretação*, pois reconstitui o caminho que se deu desde a periferia até o córtex cerebral como uma interpretação feita pelo sonhador ao ser impelido pelo desejo de dormir no momento em que sonha. Nas palavras de Freud:

O desejo de dormir explica a maneira retorcida e caprichosa pela qual o estímulo é interpretado. A interpretação correta da qual a alma no estado de sono é capaz reclamaria um interesse ativo e exigiria o cancelamento do sono; por isso, de todas as interpretações possíveis, só são admitidas aquelas compatíveis com a censura que o desejo de dormir exerce de maneira absolutista. (Freud, 1900/2004a, p. 246, tradução nossa)

Assim como o sonhador que *interpreta* o estímulo interno, ainda que de maneira desfigurada pela exigência da censura imposta pelo sono, podemos pensar na representação-palavra ou na representação-objeto a partir da forma como se apresentam, isto é, como complexos obtidos a partir de uma reconstituição, de uma interpretação das impressões sensoriais individuais que percorreram diferentes vias e chegam ao córtex, onde por fim são associadas de

uma forma que não corresponde exatamente ao estímulo externo que atinge os órgãos sensoriais da periferia do corpo.

Uma *representação-objeto* é composta de elementos visuais, táteis, acústicos e outros; a *representação-palavra* é composta de quatro elementos principais, “imagem motora da linguagem”, “imagem visual da letra”, “imagem sonora” e “imagem motora da escrita”. Estas representações são processos associativos complexos, nas quais os elementos se ligam uns aos outros, sejam eles elementos da representação-palavra, sejam elementos de representação-objeto, sejam ainda representações de palavra e de objeto.

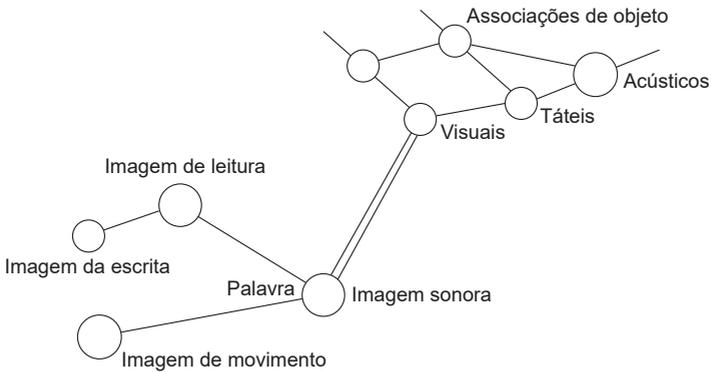


Figura 1.4 A *representação-palavra* aparece como um complexo representativo fechado, e a *representação-objeto*, como um complexo aberto. A *representação-palavra* está ligada à de objeto apenas pela imagem sonora. As associações de objeto se ligam à imagem sonora pelo componente visual que representa o objeto, assim como a imagem sonora representa a palavra. Fonte: adaptada de Freud (1891/2002p. 127).

Freud alerta que o conhecimento dessa composição vem da patologia, baseada em casos de lesões orgânicas do aparelho de linguagem e no estudo da localização dessas lesões que podem ser

observadas a partir das características deixadas pela supressão de um dos elementos de representação-palavra. A concepção freudiana das afasias implica que haja perturbações na própria composição da representação-palavra, ou seja, que haveria, no próprio plano da linguagem, uma dissociação entre a imagem visual da letra e a imagem sonora da palavra. Ou, ainda, que possa haver uma perturbação da relação estabelecida entre representações de objeto e palavra, em outras palavras, uma perturbação da função que em si mesma determina uma localização. As afasias são classificadas então em afasias de primeira ordem, ou *afasias verbais*, nas quais a perturbação ocorre entre os elementos que compõem a representação-palavra; em afasias de segunda ordem, ou *afasias assimbólicas*, nas quais a relação entre as representações de objeto e de palavra se encontra perturbada; e em afasias de terceira ordem, ou *agnósicas*, em que não há o reconhecimento do objeto, nem mesmo é feita uma associação entre o objeto e sua representação visual.

Para a localização dos distúrbios descritos, Freud utilizou um esquema abstraído das situações anatômicas reais, pretendendo mostrar apenas as relações existentes entre os diversos elementos de associação da linguagem a partir de áreas corticais que pudessem conter as relações dos elementos da linguagem. O mesmo esquema é utilizado por ele em *A interpretação dos sonhos* (1900), quando adverte o leitor para não cair em tentação de determinar a localidade psíquica como se fosse uma localidade anatômica (Freud, 1900/2004a, p. 529). Em *Contribuição para a concepção das afasias*, de 1891, ele diz: “Neste esquema, os círculos não representam os ditos centros da linguagem, mas áreas corticais entre as quais ocorrem as relações de linguagem” (Freud, 1891/2002, p. 131, tradução nossa).

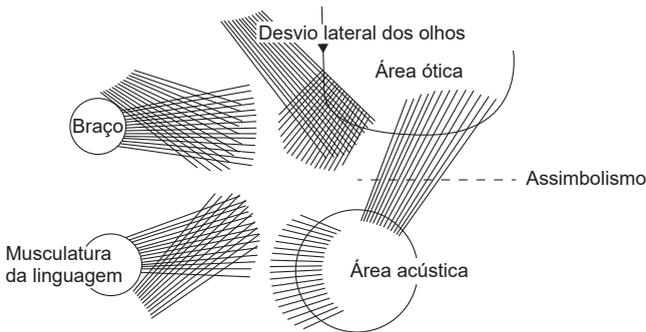


Figura 1.5 Os centros de linguagem são representados pelos cruzamentos de feixes. As áreas corticais dos nervos acústico e óptico e a musculatura do braço e da linguagem são representadas pelos círculos. As vias associativas que partem dessas áreas e chegam ao interior da área de linguagem estão representadas pelos feixes radiais. As ligações com a área óptica estão separadas em dois feixes, considerando que os movimentos oculares contribuem de maneira particular para a associação da leitura. Ainda temos outras ligações bilaterais da área acústica que não estão indicadas, segundo Freud, tanto para não sobrecarregar o esquema como pela falta de clareza concernente à relação estabelecida entre a área auditiva e o centro acústico da linguagem. Fonte: adaptada de Freud (1891/2002, p. 131).

Dele é possível extrair, ao observar uma afasia verbal, que lesões bem próximas a essas áreas de linguagem têm um efeito menos intenso que os da supressão dos elementos de associação da linguagem, o que ressalta que o aparelho de linguagem se utiliza de mecanismos puramente funcionais. Isso torna-se evidente quando há a supressão de um único elemento que leva a uma ruptura na relação com os demais elementos de outras áreas. Em casos de agnosia, que se deve normalmente a lesões extensas e bilaterais, o paciente se encontra com o aparelho de linguagem em perfeitas condições, mas não consegue reconhecê-lo visualmente, só é capaz de nomeá-lo quando pode tocá-lo. Nas afasias

assimbólicas, permanece a capacidade de repetição mesmo sem a compreensão da palavra repetida. Diferentemente das ecolalias, em que a repetição propicia uma compreensão de algo que não podia ser compreendido senão pela via auditiva, “a repetição parece ser um meio de retomar a complicada relação da palavra, entendida pelas associações com o objeto através de um reforço de sons verbais” (Freud, 1891/2002, p. 133, tradução nossa). Segundo Freud, as afasias assimbólico-verbais são mais frequentes que as assimbólicas puras, e se devem a lesões do elemento acústico da linguagem, que conduzem a uma desagregação tanto de associações dentro da representação-palavra quanto das associações estabelecidas entre representação-palavra e de objeto, podendo haver um quadro clínico semelhante ao da afasia sensorial de Wernicke, em que encontramos distúrbios de compreensão, de leitura e de repetição. Ainda que a linguagem espontânea não se encontre suprimida, é possível observar um empobrecimento desta em fragmentos de discurso dotados, no entanto, de significação precisa (Freud, 1891/2002, p. 134).

Aparentemente, Freud dá alguma importância ao “fator topográfico da lesão na sintomatologia dos distúrbios de linguagem” (Freud, 1891/2002, p. 136, tradução nossa) perante duas condições: a primeira, quando a lesão está situada num centro de linguagem, e a segunda, quando o resultado diz respeito à perda de um dos elementos que intervêm na associação da linguagem (proposta no esquema anatômico das áreas associativas da linguagem; cf. Figura 1.5). Mas Freud refere-se aqui a uma topografia que ele mesmo propôs, de centros esquemáticos de linguagem. Trata-se, portanto, de uma topografia baseada na função por ela mesma. A partir de uma alteração desse centro, há uma reação do aparelho de linguagem como um todo, que sofre um rearranjo funcional e reage gerando um rebaixamento das funções. Essa tese Freud encontra em Jackson:

A fim de apreciar a função do aparelho de linguagem nas condições patológicas, esposamos a tese de Hughlings Jackson, segundo a qual todos os modos de reação representam casos de involução funcional de um aparelho altamente organizado e que corresponde às etapas anteriores no seu desenvolvimento funcional. Então, em todas as circunstâncias, um arranjo de associações que é ulteriormente desenvolvido e que é de um nível mais elevado se encontrará perdido, ainda que seja mantido um arranjo mais simples que foi adquirido anteriormente. (Freud, 1891/2002, p. 137, tradução nossa)

Novamente, podemos observar que a consideração da topografia não é estática nem determinante para a disfunção, mas, ao contrário, que a lesão é desvelada pela perda da última função a ser adquirida, ou seja, pela desorganização de uma hierarquia funcional que causa interrupção das associações em cadeia. Como observa Forrester, Freud, ao dizer que o fenômeno afásico ocorre independentemente de uma localização, estava “pavimentando um caminho para o entendimento da histeria como lesão de uma ideia. Em ambos, histeria e afasia, esse entendimento dos dois sistemas de apresentação é conduzido pelas lesões” (Forrester, 1980, p. 30, tradução nossa). Isto é, na histeria o afeto encontra-se reprimido, direcionado ao corpo, e a palavra permanece esvaziada na consciência, como se tivesse sido desvinculada de seu objeto; as palavras perdem seu significado, “tornam-se gestos”, tal como no modelo da afasia assimbólica quando há uma falha na ligação entre as representações de objeto e de palavra, e as palavras deixam de ter sentido. Tanto nas afasias como na histeria, a topografia de uma lesão cortical ou de uma determinada *ideia* patológica não está calcada na anatomia cerebral, mas no funcionamento do próprio

sistema nervoso, como se houvesse um esfacelamento das camadas funcionais que emergiram junto com o desenvolvimento nervoso e psíquico provocando uma estagnação num estágio precedente ao último estágio de desenvolvimento, isto é, numa camada funcional antecedente à camada funcionalmente esfacelada. Dessa maneira, se “Jackson estendeu a ideia de desenvolvimento progressivo e regressivo aos distúrbios mórbidos da função psicofísica cerebral, Freud foi muito além ao estendê-la aos distúrbios mórbidos do desenvolvimento psíquico total do homem” (Binswanger, 1970, p. 191, tradução nossa).

Apropriando-se do esquema jacksoniano, “Freud estava adotando a noção crucial de níveis funcionais” (Fullinwider, 1983, p. 152, tradução nossa), uma vez que o desenvolvimento progressivo se deve também ao fato de que as operações do sistema nervoso central, que ascendem pelos tratos nervosos desde a periferia, passam por modificações funcionais até chegarem ao córtex cerebral. Como diz o próprio Freud em *Contribuição à concepção das afasias*, “uma fibra que se dirige ao córtex cerebral passa por uma modificação funcional a cada vez que emerge de uma substância cinzenta” (Freud, 1891/2002, p. 102, tradução nossa).

Segundo Jackson, a cada nível funcional há um processo de integração com outros níveis, o que pode vir a confirmar uma determinada função ou reorganizá-la, alterando-a significativamente. Cada nível desempenha uma determinada função, e o nível mais elevado seria o proposicional, no qual “a consciência em virtude de sua supremacia torna outros níveis inconscientes, ainda que não inativos. A chave desse nível proposicional se encontraria na fala” (Fullinwider, 1983, p. 153, tradução nossa).

Com base nessas hipóteses, a decorrência de uma lesão dos elementos que compõem os centros de linguagem seria uma reação generalizada e uma regressão funcional a estágios anteriores

no desenvolvimento da linguagem, já que Freud tem em vista a própria evolução do sistema nervoso baseada numa forma-função. Ao sistema nervoso restaria apenas uma involução sistemática, independentemente do motivo, uma perda funcional das *camadas mais exteriores*, isto é, um retorno a um *arranjo mais simples*, precedente no tempo.

Alguns anos mais tarde, nos *Estudos sobre histeria*, de 1895, Freud propõe que o “material psíquico de uma histeria figurasse como um produto multidimensional de pelo menos três estratos” (Breuer & Freud, 1893-1895/2003, p. 293, tradução nossa), compostos de camadas concêntricas que envolvem um núcleo. O primeiro modo de estratificação é linear e cronológico, compõe uma camada e depende de um motivo determinado. No segundo modo de estratificação, encontram-se graus de crescente resistência à rememoração e de alteração de consciência, tendo como ápice o núcleo de recordações patogênicas que não sobreveio à consciência e não pode jamais ser lembrado conscientemente. O terceiro modo, que é, segundo o autor, o mais essencial, equivale a um ordenamento segundo o *conteúdo de pensamento*, em que é realizado um enlace de “fios lógicos” que se dirigem ao núcleo e compõem o sintoma de maneira sobredeterminada (*überbestimmt*). Neste caso, o entendimento do sintoma psíquico como multiplamente estratificado nos conduz a uma ideia de que o desenvolvimento do aparelho psíquico normal também se dá por níveis funcionais ou de sistemas psíquicos que obedecem a um mesmo princípio neurofisiológico, isto é, seguem a mesma regra que já havia sugerido anteriormente, sem haver ruptura entre o fisiológico e o psíquico.

Freud escreve a Fliess em dezembro de 1896:

Você sabe que trabalho com a suposição de que nosso mecanismo psíquico foi gerado por sucessiva estrati-

ficção, pois de tempos em tempos o material preexistente de traços mnêmicos experimenta um reordenamento segundo novos nexos, uma retranscrição (Umschrift). (Freud, 1886-1899/2001a, p. 274, tradução nossa)

A suposição de que o material psíquico é gerado por uma estratificação decorrente do processo de inscrição e reordenamento dos traços de memória baseia-se num modelo de aparelho psíquico composto de sistemas. Segundo Freud, a memória não é preexistente de maneira simples, mas múltipla; ela é registrada em diversas variedades de signos. Compara o registro na memória com o reordenamento que os estímulos externos têm de passar desde a periferia até o córtex cerebral. Um estímulo externo é inscrito ao passar por vários estágios de ordenação a partir dos quais adquire representatividade e só assim pode ser rememorado. Supõe que ocorram ao menos três transcrições, que bem poderiam estar dispostas num substrato neural, mas afirma que “não de uma maneira necessariamente tópica” (Freud, 1886-1899/2001a, p. 274, tradução nossa). Propõe então um esboço “sistematizado” e dividido em estágios composto de neurônios de percepção (P), que, ligados à consciência (Cs), não carregam nenhum traço de memória. São eles: 1) signos de percepção, pelos quais se dá a primeira transcrição, por simultaneidade, o que torna esses signos inacessíveis à consciência; 2) Inconsciência (Ics), quando ocorre a segunda transcrição, “talvez” por causalidade, que reforça a inacessibilidade à consciência; 3) Pré-consciência (Prcs), quando ocorre a terceira transcrição, a ligação dos traços de memória a representações-palavra: “desde esta pré-consciência, os investimentos se tornam conscientes segundo determinadas regras, e certamente esta *consciência* secundária é posterior na ordem do tempo” (Freud, 1886-1899/2001a, p. 275, tradução nossa).

Este esboço feito de estratos é bastante semelhante ao esquema de *A interpretação dos sonhos*. Há, no entanto, algumas diferenças importantes entre eles, por exemplo, a primeira transcrição, que é um marco e que assinala a transformação de uma percepção num signo perceptivo. Tudo o que é percebido pelo aparelho psíquico passa por um processo de representação desde a primeira transcrição; ou, como explica Forrester, é “como se houvesse uma tradução de todas as percepções em sua própria linguagem” (Forrester, 1980, p. 25, tradução nossa). Um signo perceptivo não tem, por definição, acesso à consciência. Tão logo seja transcrito, afasta-se dela e aproxima-se mais de um signo de memória, permanecendo igualmente inacessível à consciência. Apenas ao passarem por uma terceira transcrição, ao serem ligados a representações-palavra, é que tais signos tornam-se suscetíveis de consciência.

Dessa maneira, aquilo que um dia foi percepção, ao ser armazenado, torna-se um signo passível de ser transcrito ao longo de sistemas sucessivos. Ao passar de um sistema ao outro, é necessária uma tradução, ou seja, há uma mudança funcional na medida em que um signo passa de um sistema a outro, tal como a mudança funcional de uma fibra nervosa cada vez que emerge de um núcleo cinzento: “Quero destacar que as transcrições que seguem umas às outras constituem a operação psíquica de épocas sucessivas da vida. Na fronteira entre duas destas épocas, deve ser produzida uma tradução desse material psíquico” (Freud, 1886-1899/2001a, p. 275, tradução nossa).

Freud afirma que para ocorrer uma tradução é necessária uma inibição da “inscrição” anterior, e que a ausência de tradução implica uma vigência das leis psicológicas presentes no período anterior (Freud, 1886-1899/2001a, p. 276, tradução nossa). Em outras palavras, para que o material psíquico seja inscrito no sistema de memória, é preciso haver uma inibição do nível funcional anterior

equivalente à percepção-consciência e assim sucessivamente, segundo o esboço utilizado na “Carta 52” (1896). Um processo de tradução negado⁶ (*Versagung*) é o que Freud chama clinicamente de *repressão*, que se dá pelo possível desprendimento de desprazer a ser gerado por uma tradução. “É como se este desprazer convocasse uma perturbação do pensar e não consentisse o próprio trabalho de tradução” (Freud, 1896/2001a, p. 276, tradução nossa). Neste caso, temos uma “defesa patológica” gerada por algo previamente inibido, mas que, ao retornar à consciência, se torna responsável por um novo desenvolvimento de desprazer como se fosse atual, e que, portanto, não chega a ser inibido por uma fase seguinte, cujo conteúdo material geralmente revela-se de “natureza sexual e ocorrido dentro de uma fase anterior” (Freud, 1896/2001a, p. 277, tradução nossa).

Podemos assim comparar a defesa patológica descrita ao que Freud chamará de repressão propriamente dita. Em 1915, ele se refere à repressão como um mecanismo de defesa que não se encontra presente desde a origem: “não pode ser engendrado antes que tenha se estabelecido uma nítida separação entre as atividades consciente e inconsciente da alma” (Freud, 1915/2003c, p. 142, tradução nossa).⁷ Esta separação não se dá apenas pelos diferentes modos de funcionamento dos sistemas, mas também pela presença de uma barreira de censura que estaria “localizada” entre os sistemas *pré-consciente* e *inconsciente*. Mas, antes da consolidação de

6 Optamos aqui por utilizar o verbo negar em vez de denegar como correspondente do substantivo *Versagung* utilizado por Freud, uma vez que o verbete *versagen*, de acordo com o dicionário Langenscheidts, indica negar, recusar.

7 Aqui, alma é utilizada como psiquismo. No texto “Tratamento psíquico” (tratamento da alma – *Psychische Behandlung* [*Seelenbehandlung*]), de 1890, Freud comenta que o “tratamento psíquico pode ser mais bem chamado de tratamento da alma, seja ele para perturbações anímicas ou corporais, mas que de maneira primária e imediata influenciam sobre o anímico do homem” (Freud, 1890/2001e, p. 115, tradução nossa).

uma defesa assim descrita, isto é, para que a repressão se confirme, deve haver uma repressão fundadora da barreira de censura, ou ainda uma repressão responsável pela divisão entre os sistemas. Trata-se de uma *repressão primordial (Urverdrängung)*, em que a agência representante de pulsão tem o acesso à consciência negado. A partir de então, estabelece-se uma *fixação*, isto é, “a agência representante em questão persiste imutável e a pulsão segue ligada a ela” (Freud, 1915/2003c, p. 143, tradução nossa).

Se antes vimos que uma não tradução do conteúdo psíquico se dá como um modo de evitar o desprendimento do desprazer, isto é, como uma defesa patológica, temos agora sintomas como sequelas desse mecanismo repressivo, ou seja, a partir de uma lembrança ou da reativação de um traço mnêmico incompatível com a consciência, tem-se uma nova repressão, ainda que parcial: a lembrança penosa é substituída por outra, uma formação substitutiva mais apropriada à consciência, mesmo que passível de desprazer.

Freud refere-se à agência representante de pulsão como uma representação, ou como um grupo de representações investidas por um determinado montante de energia ou de afeto.⁸ Nos termos econômicos da teoria freudiana, como meta genuína da repressão, tem-se “o sufocamento do desenvolvimento de afeto” (Freud, 1915/2003c, p. 174, tradução nossa). Os afetos correspondem a processos de descarga de excitação, e em última instância são percebidos como sensações. Caso ocorra um aumento da excitação que não é sufocada, ele corresponde a sensações desprazíveis. O desenvolvimento e desprendimento do afeto parte do sistema *inconsciente*, processo este que é reprimido à medida que se desenvolve. As representações, por sua vez, são traços mnêmicos

8 Cf. apêndice de Las neuropsicoses de defesa sobre a diferença entre afeto e energia. In *Primeras publicaciones psicoanalíticas (1893-1899)*, vol. III (José Etcheverry, Trad.). Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2005,

investidos que se encontravam enlaçados a esses afetos. Sufocadas e afastadas da consciência, elas permanecem no inconsciente como *formação real* e atuante nesse sistema (Freud, 1915/2003c, p. 174, tradução nossa). Ao serem reprimidas, as representações são separadas dos afetos, o que redundava na perda de investimentos pré-conscientes e no ganho de investimentos provenientes do inconsciente. As representações podem receber investimentos originariamente inconscientes ou tais que, originados no pré-consciente, foram reprimidos e se tornaram inconscientes.

Ao tomarmos essas considerações à luz da “Carta 52”, em que “cada reescritura posterior inibe a anterior, retirando-lhe o processo excitatório (e desviando-o para si)” (Freud, 1896/2001a, p. 276, tradução nossa), podemos concluir que toda vez que não houver uma reescritura posterior, haverá uma indicação de que aquela inscrição passou pelo processo de repressão, permitindo que a excitação circule segundo as leis vigentes do período anterior, já que não houve um desvio da excitação para o que seria então traduzido. Todavia, o processo de repressão propriamente dito reforça o mecanismo originário da repressão primordial, que foi definida anteriormente, ou seja, como uma pulsão que segue ligada ao seu representante. Isto parece contraditório se levarmos em conta que a repressão é responsável por uma separação entre montante de afeto e representação. Cabe lembrar, no entanto, que a repressão primordial não existe desde o início, mas é estabelecida, e pode ser pensada como fundadora de uma separação à medida que forma um novo tipo de representação ao unir pulsão e representação. Se temos assim uma repressão que é reforçada por um mecanismo contrário ao mecanismo original, isto é, um reforço que é agente de uma separação, isso só é possível porque na representação primordial encontra-se a fundação de uma representação-modelo em que representante e pulsão se encontram atados.

Essa ligação-modelo primordial oferece a possibilidade para a formação do sistema pré-consciente, ainda que este necessite de representações-palavra para ser passível de consciência. A consequência natural desses processos de inibições e traduções, que constituem as operações psíquicas, seria a própria estruturação e consolidação do aparelho psíquico; e vemos assim que eles são constitutivos do próprio desenvolvimento da linguagem. Daniel Heller-Roazen comenta esse ponto a partir de uma sugestiva comparação,

O papel da “tradução” no modelo psíquico (da Carta 52) é decisivo. Mas os processos invocados por Freud parecem ter pouco em comum com a atividade literária usualmente denotada pelo termo tradução. É difícil dizer como poderia existir um tradutor quando a consciência ainda não emergiu. No campo em que os primeiros signos seguem as percepções, que por sua vez excluem toda a memória, tais signos não podem representar um texto original a ser traduzido. Estritamente, podem ser apenas versões (versões das versões) que apontam para um evento que, em si mesmo, é irreduzível a toda espécie de notação. (Heller-Roazen, 2005, p. 143, tradução e destaque nosso)

Ainda que Heller-Roazen invoque a necessidade de uma atividade consciente originária para que haja tradução, o fato é que o modelo da “Carta 52”, que fora reformulado em *A interpretação dos sonhos*, mostra que os estímulos que atingem a percepção são percebidos como conscientes (*sistema P-Cs*), e que a consciência está associada à percepção, mas não à memória, o que implica uma perda da consciência, que só será resgatada posteriormente, numa

terceira transcrição no sistema pré-consciente, pela ligação com representações-palavra. Ora, ainda que a tradução que ocorre na fronteira entre duas épocas, ou em termos tópicos, entre um sistema e outro, seja anterior à tradução em palavras, a transformação de um estímulo numa linguagem inteligível para o sistema nervoso também implica uma tradução, mesmo que não envolva a consciência, mesmo que só posteriormente se torne consciente.⁹

O que parece invocar Heller-Roazen é que de um texto original, dos estímulos originais, só restam versões no aparelho psíquico, versões que não podem se aproximar do original por este não admitir a notação em outras linguagens. No entanto, se levarmos em consideração a própria definição de tradução, processo por meio do qual tem-se a transformação dos termos de uma linguagem em outra, e, em alguma medida, uma adaptação da estrutura da linguagem receptora à de origem, podemos pensar esse processo de tradução dos moldes literários como eventos externos dotados de um determinado modo de expressão que se transformam numa linguagem adequada ao aparelho psíquico tanto no plano da significação como no de sua estrutura peculiar. Além de eventos que são traduzidos em uma linguagem própria, podemos observar eventos que não apenas foram traduzidos, mas incorporados, e que atualmente, de fato, não passam de representações, de versões que podem mesmo ser designadas como recriações destes eventos, como no caso das pulsões.

Para melhor explicar essa incorporação, cabe aqui lembrar que a excitação que percorre o corpo pode ser proveniente tanto de estímulos externos que o atingiram como de estímulos internos,

9 Ou, lembrando o que nos diz Rubens Rodrigues Torres Filho a propósito de um ponto similar na filosofia de Schelling, “já que sem linguagem não é possível pensar não só nenhuma consciência filosófica, mas nenhuma consciência em geral, a linguagem não pode ter sido fundada com consciência” (Torres Filho, 2004, p. 28).

provenientes do próprio corpo. Segundo Freud, esses estímulos internos foram primordialmente estímulos externos a agir sobre os organismos vivos que, ao longo da filogênese, foram interiorizados e na atualidade agem internamente, como no caso específico das pulsões: “as pulsões, ou ao menos uma parte delas, são decantações da ação dos estímulos exteriores que no curso da filogênese influenciaram a substância viva, modificando-a” (Freud, 1915/2003d, p. 116, tradução nossa).¹⁰

Para Binswanger, todas as transformações pulsionais, sejam elas sociais ou egoístas, de maus ou bons instintos, são, para Freud, produzidas por *coaço*, sendo que originariamente, na história da humanidade, elas teriam sido exclusivamente exteriores (Binswanger, 1970, p. 205, tradução nossa). Cabe lembrar que, segundo Freud, se tomarmos a via da filogênese, retrocedendo do homem até os organismos extremamente simples, poderemos intuir que todos os estímulos, que inicialmente vieram do exterior, passaram por um longo processo de interiorização e que “os estados afetivos estão incorporados (*einverleiben*) na vida psíquica como sedimentações de antiquíssimas vivências traumáticas” (Freud, 1926[1925]/2004a, p. 89, tradução nossa).

Em *Para além do princípio do prazer*, de 1920, Freud recorre ao exemplo de um organismo vivo em “sua máxima simplificação”, uma vesícula excitável que sofre o embate de estímulos exteriores, os quais contêm grande quantidade de energia que, por sua vez, acaba promovendo o desenvolvimento de uma proteção *antiestímulos* ao redor da vesícula. Há uma transformação da camada mais externa de matéria viva em material inorgânico que age

10 Além de falar da decantação das pulsões em *Pulsões e seus destinos*, Freud se refere diretamente a um estímulo exterior interiorizado: “Pode ocorrer que um estímulo seja interiorizado, por exemplo, se ataca ou destrói um órgão; então se engendra uma nova fonte de excitação continuada e de incremento de tensão”. Cf. o texto “A repressão” (Freud, 1915/2003c, p. 141, tradução nossa).

como se fosse um filtro de quantidades de energia, evitando assim a passagem de grandes quantidades que poderiam ser fatais. Com o desenvolvimento da proteção, quantidades reduzidas continuam a estimular o organismo e servem de indício para que ele possa “averiguar a orientação e a índole dos estímulos exteriores” (Freud, 1920/2004b, p. 27, tradução nossa). É a partir dessa necessidade de proteção que podemos observar, numa escala filogenética, o desenvolvimento de órgãos receptores especializados, e afirmar que, no caso dos organismos complexos, a modificação ocorreu por meio de uma internalização da camada receptora de estímulos da antiga “vesícula” para dentro do corpo. Ainda que de maneira incompleta, os órgãos sensoriais foram mantidos como receptores de estímulos externos. Esses órgãos filtram a energia externa pela sua própria especificidade de recepção. A retina, por exemplo, só é capaz de captar os estímulos luminosos que se encontram no espectro visível, assim como o tímpano é sensível apenas às ondas mecânicas sonoras dentro do espectro audível e não a outros tipos de onda, como as eletromagnéticas. Tais órgãos são tradutores de estímulos, capazes de transformá-los numa linguagem apropriada ao sistema nervoso, linguagem esta que é, por sua vez, sucessivamente traduzida, até chegar a ser uma representação cortical *recriada* do estímulo externo.

Como já mencionamos, o processo de tradução incorre na inibição das inscrições anteriores entre os sistemas, no aparelho psíquico proposto por Freud. Mas podemos encontrar outras inibições como esta que estão relacionadas ao funcionamento do aparelho psíquico tanto no desenvolvimento neurológico infantil como na linguagem.

Para que haja o desenvolvimento do sistema nervoso na criança, é necessária uma inibição progressiva dos reflexos primitivos para que o movimento voluntário se realize, ou seja, uma inibição

de circuitos neurais primitivos para que posteriormente outros se constituam. Por exemplo, no bebê deve haver uma inibição da marcha automática para que ele posteriormente possa realizar os movimentos de flexão e extensão voluntária das articulações dos membros inferiores. Esse processo também pode ser descrito em termos estritamente linguísticos, como faz, por exemplo, Roman Jakobson: “a criança *perde* quase todas suas habilidades para produzir sons ao passar de um estágio pré-linguístico ao da aquisição das palavras, isto é, ao [passar] para o primeiro genuíno estágio da linguagem” (Heller-Roazen, 2005, p. 10, tradução nossa). Jakobson diz que “durante o período de balbucio, a criança produz uma ampla variedade de sons, sendo que quase todos são eliminados ao passar para um estágio em que são faladas poucas palavras” (Jakobson, 1971, p. 8, tradução nossa). Nesse último período, é comum na criança a repetição dos sons, fazendo com que se torne familiar a imagem motora de palavra na presença da imagem acústica da palavra correspondente, de modo que a palavra adquira um valor fonológico. Dessa maneira, ao procurar adaptar-se ao que há ao seu redor, a criança aprende a reconhecer tanto o que ouve quanto aquilo que emite o som, e diferencia o que ficou retido na memória daquilo que é capaz de reproduzir. Ao realizar tais distinções, torna-se capaz de separar o que é próprio do que não é, e os valores fonológicos tornam-se intersubjetivos, e não apenas subjetivos, impelindo a própria linguagem na direção da significação.

Temos assim que na formação do sistema fonético da criança há certa regularidade na sucessão das aquisições, o que diz respeito, no mais das vezes, à constituição de uma sequência temporal e invariável. Essas aquisições compõem uma hierarquia universal e invariável, ou seja, se a hierarquia é baseada numa temporalidade das aquisições, os valores fonéticos encontram-se igualmente ligados a elas de modo hierárquico e temporal, o que implica uma relação de solidariedade irreversível, isto é, numa relação em que

um valor secundário não pode existir sem um valor primário, e este, por sua vez, não pode ser eliminado sem um secundário. De maneira negativa, essa relação pode ser observada nos distúrbios afásicos, uma vez que eles reproduzem a ordem reversa da aquisição da linguagem, isto é, “as camadas mais altas são eliminadas antes das mais baixas”. Ou, mais especificamente, temos que “as vogais nasais (ou palatais; em português é, ê, i) tendem a desaparecer antes das consoantes alveolares (n, l e r) e, essas últimas, antes das consoantes produzidas na região anterior da boca (p e b)” (Jakobson, 1971, p. 13, tradução nossa).

Dessa forma, a palavra, assim como os fonemas, é integrada a um sistema estratificado no qual são designados valores que obedecem à estrutura fonológica, e, portanto, falar implica uma seleção de elementos linguísticos bem como a combinação destes em unidades linguísticas com graus de maior complexidade.

Jakobson se refere a gestos vocais que formam, como expressões exclamativas ou onomatopaicas, um estrato distinto, pois parecem buscar sons que seriam inadmissíveis em outro lugar. Na fala onomatopaica da criança observa-se um valor expressivo inusual, por exemplo, a designação de um mesmo som tanto para o latido do cachorro quanto para a própria representação do animal, sendo diferenciáveis apenas por uma variação da entonação do som (Jakobson, 1971, p. 9, tradução nossa). Ainda que tais expressões possam ser observadas na linguagem já consolidada de um adulto, aparecem apenas como uma fala remanescente do período do balbuciar, como um eco, um resgate de um estrato anterior.

Ao compararmos o modelo da aquisição da linguagem pela estrutura estratificada de Jakobson, reiteramos a posição freudiana de um aparelho de linguagem estratificado e baseado em níveis funcionais. Mas podemos estender a afirmação de Freud quanto aos processos psíquicos serem correlatos dos processos fisiológicos

e ver na aquisição da linguagem o próprio desenvolvimento do aparelho psíquico, baseado em estratos funcionais que se encontram intrinsecamente relacionados às representações formadas a partir de estímulos externos ou internos (pulsões).

A linguagem: do simbólico ao alegórico

Freud extrai da psicologia a definição de *palavra*, como já dissemos anteriormente. Palavra é a *unidade básica da função da linguagem* que corresponde a um processo associativo complexo, em que os elementos enumerados de origem visual, acústica e cinestésica se ligam uns aos outros e formam uma representação-palavra. É a partir de estímulos exteriores, provenientes das palavras apreendidas pela experiência, que aprendemos a falar. Inicialmente “aprendemos a falar quando associamos a imagem sonora de uma palavra a um sentimento de inervação da palavra” (Freud, 1891/2002, p. 123, tradução nossa). Sentimento diria respeito a uma “descarga nervosa” de regiões motoras (corticais) que, ao ser direcionada aos músculos, causaria um sentimento especial. Esta ativação nervosa das regiões motoras estaria ligada ao componente sonoro de uma representação-palavra, formando assim uma representação motora da palavra justamente quando se está aprendendo a falar. Dessa maneira, do lado motor, a palavra se encontraria, como diz Freud, duplamente determinada, isto é, representa-se a ação e a própria sensação desta ação, atribuindo assim um maior valor ao próprio sentimento de inervação verbal. Apesar de Freud apontar para seu “menor valor” do ponto de vista psicológico, “após termos falado, conservamos uma imagem sonora da palavra pronunciada” (Freud, 1891/2002, p. 123, tradução nossa). Ou seja, para compor uma representação-palavra completa ou para que a linguagem se estabeleça, é preciso falar, ainda que de maneira rudimentar.

Segundo Freud, durante o desenvolvimento da linguagem infantil, “nos servimos de uma linguagem criada por nós mesmos e nos comportamos como afásicos motores, pois associamos diferentes sons verbais estranhos a um único som produzido por nós” (Freud, 1891/2002, p. 123, tradução nossa). Aprender a falar é a tentativa de se apropriar da linguagem dos outros que tem como consequência a produção de sons próprios cuja imagem sonora se assemelha consideravelmente “àquela que cedeu lugar à inervação da linguagem” (Freud, 1891/2002, p. 124, tradução nossa). O que ocorre então é uma repetição, muitas vezes inexata, daquilo que foi ouvido.

Para formarmos frases inteiras é necessário dispor palavras seguidas de outras, o que envolve uma operação de suspensão da inervação que dá origem à palavra seguinte até que “a imagem sonora, a representação motora da palavra, ou ambas, da palavra precedente, tenham chegado” (Freud, 1891/2002, p. 124, tradução nossa). Uma vez que uma dessas imagens se apresente para compor uma frase, encerra-se a suspensão e a palavra seguinte pode ser pronunciada. Dessa maneira, reiteramos que não apenas a parte motora da fala, como também a parte sonora da fala em geral, é *sobredeterminada*, e, conseqüentemente, pode suportar a perda de um ou outro dos fatores determinantes. Mas a ocorrência de perdas evidencia tanto características fisiológicas, como a fadiga, quanto patológicas da linguagem, como no caso das parafasias, em que palavras adequadas são trocadas por outras menos adequadas. Ou, nas palavras de Freud, “somos tentados a conceber a parafasia em sua dimensão mais ampla, como sintoma puramente funcional, como um signo de menor eficiência do aparelho de associações de linguagem” (Freud, 1891/2002, p. 63, tradução nossa).

Ainda que a parafasia possa estar inserida num contexto patológico, nada indica que não possa aparecer sob uma forma típica

de sintoma focal orgânico, como mais uma das características das afasias sensoriais. Nessas condições, há uma alteração da função, sendo que observamos mais um desarranjo do que o próprio rearranjo da linguagem, e esta, da mesma forma, se desintegra conforme os níveis linguísticos de estratificação (Heller-Roazen, 2005, p. 136). Isso se dá porque as afasias acabam por reproduzir o estado existente durante o curso do processo normal do aprendizado da fala. São estes os casos em que há uma retração vocabular e restam apenas poucas palavras, como “sim”, “não” e outras utilizadas nos primórdios do desenvolvimento da linguagem, na infância. Estas palavras que restaram ao falante são designadas por Freud como uma linguagem remanescente ou “fala remanescente” (*Sprachresten*) (Freud, 1891/2002, pp. 70-83).

Segundo Heller-Roazen, essa fala remanescente a que Freud se refere diz respeito a um retrocesso do qual o falante teria uma memória do conteúdo da fala (compreende o código de linguagem), mas não consegue mais realizar o processo de retranscrição (só consegue responder com a sua fala remanescente, com os trechos de palavra etc.). Ou seja, o desarranjo funcional redundava numa incapacidade de rearranjar o conteúdo da linguagem, que se encontra intacto porém imóvel, em um estágio em que não há capacidade de articulação da fala.

Há nos afásicos a perda do acesso às inscrições, seja das representações-objeto, seja das representações-palavra, ou, ainda, da ligação estabelecida entre elas, como se houvesse uma perda da regra de tradução dos signos ou das representações na linguagem articulada da fala. Essa fala remanescente não constituiria propriamente o que restou de um esquecimento, mas o que restou da expressão. Como nos lembra Heller-Roazen, assim como as histéricas que sofriam de suas reminiscências ao não conseguirem expressá-las em palavras, os afásicos sofrem de uma lembrança a qual

não conseguem dizer, pois a estrutura de linguagem encontra-se fixada em um determinado estágio do desenvolvimento sem que consigam traduzi-la (Heller-Roazen, 2005, p. 145).

Se considerarmos agora a estratificação do aparelho de linguagem ou do aparelho psíquico durante os seus respectivos processos de desenvolvimento, veremos que as regras das quais os afásicos se encontram privados se desenvolveram temporalmente, e que numa infância precoce elas não se encontram totalmente sedimentadas. Nesse mesmo período, temos que não há uma nítida separação entre os sistemas psíquicos ou mesmo entre as atividades consciente e inconsciente.

Como vimos, para Freud, a atividade consciente está relacionada tanto à percepção quanto a uma consciência que só se adquire posteriormente. Assim, para que a consciência seja readquirida, é necessária uma transcrição no sistema pré-consciente que envolve uma associação dos traços de memória às representações-palavra, e que se dá de modo “provavelmente” alucinatório, “pela provável reanimação alucinatória dessas representações-palavra” (Freud, 1896/2001a, p. 275, tradução nossa).

Ao nos depararmos, de um lado, com a separação incompleta entre os sistemas, e de outro, com a diferenciação incompleta da atividade da consciência, deduzimos que há um predomínio da atividade inconsciente ou de processos inconscientes que “julgamos os mais antigos, ou primários; relíquias de uma fase do desenvolvimento em que eram a única classe de processos psíquicos” (Freud, 1911/2004c, p. 226, tradução nossa).

Desses processos inconscientes só teríamos representações-objeto ou, ainda,

a representação-objeto teria apenas a aparência de uma coisa, cujas diferentes propriedades seriam revela-

das pelas impressões sensoriais. Isso ocorre unicamente porque, ao considerar as impressões sensoriais que recebemos de um objeto, acrescentamos ainda a possibilidade de uma série importante de impressões novas na mesma cadeia associativa. (Freud, 1891/2002, pp. 127-128, tradução nossa)

Por isso, nos textos metapsicológicos, as *representações-palavra* e *representações-coisa* são desmembramentos do que Freud chamava até então de uma *representação-objeto consciente*.¹¹ Ainda que já se referisse anteriormente tanto a representações-coisa como a representações-palavra, no texto “O inconsciente” ele tece considerações acerca da procedência dessas representações. Ambas partiram da percepção sensorial, no entanto, quanto mais distanciada estiver uma representação da percepção, mais carente de qualidade, e, portanto, mais distante da consciência ela se torna. Uma representação-coisa só pode se tornar consciente se houver uma correspondência com a representação-palavra. Ou seja, uma representação-objeto assim distanciada da percepção não poderia se tornar consciente por meio dos seus próprios restos perceptivos, porque à medida que essas representações se distanciaram da percepção formaram um sistema particular de representações-coisa, e “nada conservaram de suas qualidades originais, necessitando assim de novas qualidades para se tornarem conscientes” (Freud, 1915/2003e, p. 199, tradução nossa).

Como diz Freud, “o sistema *inconsciente* contém os primeiros e genuínos investimentos dos objetos; o sistema *pré-consciente* nasce quando a representação-coisa é *sobreinvestida* pelo enlace com as representações-palavra correspondentes” (Freud,

¹¹ Para um comentário pormenorizado da terminologia de Freud em questão, cf. Souza, 1998, pp. 135-139.

1915/2003e, p. 198, tradução nossa). E a partir do momento que nos tornamos capazes de dar nome ao objeto, isto é, que representações-palavra se associam às de objeto, estrutura-se o sistema pré-consciente. Dessa divisão mais bem delimitada entre os sistemas decorre tanto a capacidade de nomeação de um objeto ou de uma coisa quanto a capacidade de atribuir uma significação. A partir de uma ligação entre os elementos visuais do objeto e a imagem sonora da palavra, somos capazes de atribuir um determinado som ao objeto, de modo que esse som, por sua vez, ganha um sentido ao se ligar ao objeto. Antes de conseguirmos estabelecer esta relação entre os sons das palavras e a imagem dos objetos, tratamos as palavras como coisas, como se encerrassem um significado em si mesmas e não se referissem a outra coisa que elas mesmas. Elas têm, portanto, um caráter eminentemente *simbólico*. Durante a aquisição da linguagem, a palavra se comportaria então como um *símbolo* que, em última instância, não diz respeito a um objeto ou a uma coisa, mas a ele mesmo.

Ao falarmos em *linguagem simbólica* a propósito dessa linguagem primeira, ou que se desenvolve no processo de constituição do aparelho psíquico durante a infância, estamos cientes de que não utilizamos uma terminologia forjada por Freud. Encontramo-nos no interior de uma tradição filosófica que, sem ter laços estritos com a psicanálise, nos oferece instrumentos valiosos para pensar essa questão. Referimo-nos àquele período da história da filosofia no qual se destacam as correntes idealistas e românticas. Pensamos em particular em alguns aspectos da filosofia de Schelling, como expostos na *Filosofia da mitologia* e na *Filosofia da arte* e comentados por Rubens Rodrigues Torres Filho no artigo “O simbólico em Schelling” (2004).

O simbólico designa para Schelling o mito ou a obra de arte. Como explica Torres Filho, essa qualificação da palavra se dá em

contraposição ao alegórico: “as *Ideas* na filosofia e os deuses na arte são o mesmo, mas cada qual é por si aquilo que é, cada qual uma perspectiva própria do mesmo, nenhum em função do outro, ou para significar o outro” (2004, p. 111). Transposta para o contexto do qual nos ocupamos, essa distinção se mostra preciosa. Então, agora temos que, se representações-palavra estão vinculadas a uma atividade consciente, elas não determinam necessariamente um sistema pré-consciente passível de consciência, pois se não há ainda uma ligação entre os elementos visuais de objetos e a imagem sonora da palavra, segue-se que as palavras não podem ter, nesse estágio, um caráter alegórico. Encerram-se em si mesmas, não apontam para nada que não seja para elas mesmas enquanto signos.

Se retornarmos a Schelling, que toma o mito como símbolo, aprendemos que “buscar no mito um sentido outro, oculto ou travestido” é um equívoco, “é o que caracteriza algumas técnicas de exegese, [é o] ato inaugural de todas elas, [que querem] despojar o mito de seu sentido próprio” (Torres Filho, 2004, p. 116). Fazê-lo é incorrer num anacronismo, pois, como diz Schelling, “a mitologia se encerra tão logo começa a alegoria”: à medida que se atribui um significado outro ao mito, encontram-se separados forma e conteúdo, e não é mais possível tratar o fenômeno como um todo, “mas sobretudo explicar sua origem e indicar aquilo que, no próprio fenômeno, de certo modo o legitima” (Torres Filho, 2004, p. 117). O mesmo vale para a linguagem em Freud: simplesmente não entendemos a questão se quisermos concebê-la como uma estrutura estritamente semântica, que só possa engendrar sentido ao remeter os signos a algo para além deles.

Se dizemos aqui que durante a aquisição da linguagem representações-palavra são tratadas como representações-coisa, é porque, apesar de serem todas elas representações de impressões sensoriais e motoras, as representações-palavra têm um outro estatuto,

a saber, o de uma associação de representações; são *representações de representações*, constituem a unidade básica da linguagem, encerram-se em si mesmas para somente depois se descolarem de sua significação própria, para ganhar uma outra e adquirirem um sentido diferente. O marco deste descolamento é a ligação entre representação-palavra e representação-coisa, que inaugura um novo sistema psíquico calcado no tempo. Como explica Roland Khun, no prefácio à tradução francesa de *Contribuição à concepção das afasias*, “a representação-palavra é atribuída ao pré-consciente, estruturado no tempo; a representação-objeto ao inconsciente, atemporal, sendo os dois modos de representação igualmente designados como traços mnêmicos” (Freud, 1891/2002, p. 32, tradução nossa).

Diante dessa separação completa entre os sistemas, observa-se ainda que é possível um retorno à atividade inconsciente primária, que inaugura a linguagem verbal, nos *chistes* ou em *atos falhos*, que são caracterizados por lacunas no discurso lógico consciente, como se fosse realizado um “mergulho” do pensamento no inconsciente e assim resgatasse, como tesouros, as atividades próprias desse sistema. A formulação de um chiste envolve uma forma determinada que carrega em si o conteúdo do jogo verbal. Como explica Gombrich num texto em homenagem a Freud, o chiste bem-sucedido, o bom chiste, deve satisfazer pelo menos dois critérios, o de sentido e o de forma (Gombrich, 1984, p. 104, tradução nossa). O chiste resgata, mesmo que momentaneamente, algo como a linguagem primitiva, dotada de forma e sentido próprios, ou seja, reinventa, com materiais da linguagem verbal, o caráter simbólico da linguagem. É como se, no tecido de uma estrutura verbal de referência necessariamente alegórica, irrompesse o indício da existência de um modo de expressão mais primitivo e essencial na base desse sistema. E se, para Schelling, a meta da filosofia é construir uma poesia filosófica/filosofia poética que se expressa simbolicamente, podemos dizer que, para Freud, uma das “metas” da psicanálise é

dar à expressão simbólica do inconsciente uma vazão coerente em meio a um sistema alegórico tal como o da consciência.

Mas, se há uma ruptura da linguagem simbólica e à palavra é dado um outro significado, é porque esta refere-se a um outro; ou, ainda nos termos de Schelling, “a significação simbólica encerra igualmente em si a alegórica”, sendo “a alegoria, por assim dizer, um dos ‘movimentos’ da operação simbólica” (Schelling, citado por Torres Filho, 2004, p. 117). A alegoria é uma das potencialidades de significação da palavra como símbolo, e se tornará manifesta tão logo esta última seja reduzida à pura alegoria. Perde-se a característica do simbólico quando a palavra deixa de ser uma palavra com significado encerrado em si mesmo e passa a designar algo outro. Nos termos de Freud, temos que uma representação-palavra que inicialmente é tratada pela criança como símbolo e está relacionada à separação incompleta dos sistemas psíquicos é posteriormente transformada em alegoria ao ser destituída de sua própria significação, ao contrair uma significação exterior a ela. A ligação de uma representação-palavra a uma representação-coisa, que nos conduz à separação dos sistemas, tem como consequência uma predominância da atividade psíquica consciente. E a principal determinação deste domínio é a perda da autonomia primária das palavras para que sirvam ao mecanismo do aparelho psíquico: o simbólico dá lugar ao alegórico.



A psicanalista Janaina Namba mostra neste trabalho que investigações a respeito de *expressão e linguagem* já estão presentes nas primeiras descobertas da clínica e das teorias de Freud e se desenvolvem ao longo de toda a sua obra. Embora Lacan não tenha afirmado o contrário, há quem pense que foi só a partir dele que a linguagem foi abrangida pela psicanálise.

Este livro é uma travessia da obra freudiana, partindo do árido terreno da tese sobre as afasias e retomando a escrita hieroglífica em *A interpretação dos sonhos*, as minúcias em *O chiste e sua relação com o inconsciente* e a pré-história no mito de *Totem e tabu*.

Aspectos da linguagem abordados por Freud são iluminados pelo recurso à história da Filosofia, ao tecer as relações e distinções entre mito, símbolo e metáfora resgatados na fantasia, na arte, nos sonhos e na clínica.

– **Camila Salles Gonçalves**

série

PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coord. Flávio Ferraz

PSICANÁLISE

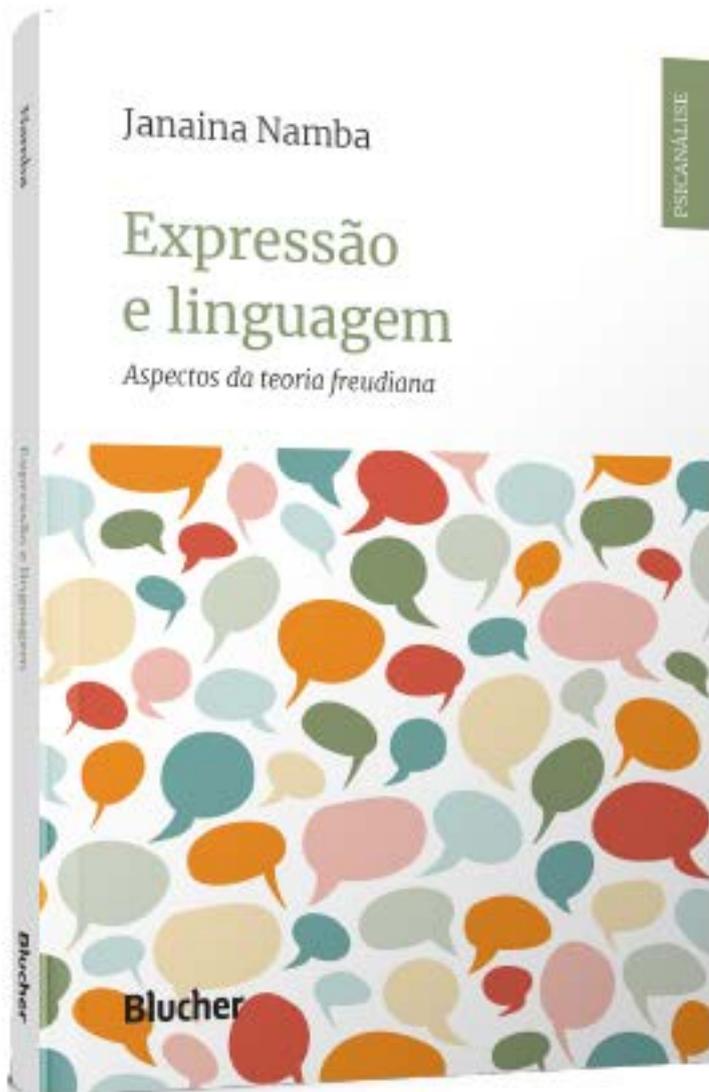
ISBN 978-85-212-1913-2



9 788521 219132

www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Expressão e Linguagem *Aspectos da teoria freudiana*

Janaina Namba

ISBN: 9788521219118

Páginas: 286

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2020

Peso: 0.000 kg
